

**PARA PENSAR AS
APRENDIZAGENS DOS
SABERES DE OFÍCIOS**





O ARTESANATO COMO FERRAMENTA METODOLÓGICA NA PERSPECTIVA DOS ESTUDOS DE GÊNERO: ARTICULANDO PESQUISA, ENSINO E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Márcia Alves da Silva*

Resumo – Este texto aborda aspectos da trajetória investigativa encaminhada pela autora, que há algum tempo tem desenvolvido estudos sobre o trabalho feminino, incorporando histórias de vida de grupos distintos de mulheres, incluindo desde acadêmicas da universidade, professoras da rede de ensino pública, até grupos de maior vulnerabilidade social, como mulheres catadoras que trabalham com reciclagem de lixo e agricultoras sem terra pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Trata-se de iniciativas diversas que têm como objetivo investigar o processo de construção dos sentidos do trabalho feminino (incluindo aí a docência) e sua relação com a categorização de gênero, a partir das histórias de vida de mulheres envolvidas e também do artesanato produzido por cada participante, em oficinas de produção artesanal. A intenção é fazer dialogar saberes populares e acadêmicos, tendo como foco central a formação, a pesquisa e a extensão em estudos de gênero.

Palavras-chave: Gênero. Mulheres. Trabalho feminino. Educação. Artesanato.

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se a uma caminhada acadêmica que já dura mais de nove anos e que envolve pesquisa, ensino e extensão e tem sido realizada com diversos grupos de mulheres da cidade de Pelotas e região, no estado do Rio Grande do Sul.

Essa trajetória teve início quando a autora realizou seu doutoramento em Educação na Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), localizada na cidade de São Leopoldo, na região metropolitana de Porto Alegre, no estado do Rio Grande do Sul, Brasil. O curso começou em 2006 e, na época, a pesquisa que originou a tese foi realizada com um grupo de mulheres artesãs de Pelotas que se organizavam em uma cooperativa popular nos moldes da economia solidária. Nessa época a autora também participava como educadora em uma incubadora de economia solidária e foi essa experiência que a colocou em contato com a cooperativa. Além disso, sua trajetória de militância política fez com que já conhecesse algumas das mulheres que fundaram a cooperativa em questão e que participaram da investigação.

* Doutora em Educação pela Universidade Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas (UFPeL). *E-mail:* profa.marcialves@gmail.com

No que se refere ao exercício da pesquisa acadêmica, a autora já havia trabalhado com pesquisa qualitativa, geralmente fazendo uso de entrevistas semiestruturadas em estudos de caso na perspectiva da pesquisa participante. Sua formação se deu na perspectiva da educação popular e, para essa escola de pensamento, a pesquisa participante aproxima a pesquisadora das pessoas pesquisadas, dando objetivos a ambos os polos da relação investigativa. Dessa forma, a pesquisa participante se coloca numa proposta de que a pesquisa tenha propósito significativo para o grupo pesquisado, de forma que se torne um instrumento a ser colocado à disposição do grupo (BRANDÃO, 1984, 1985).

Com Paulo Freire (1979, 1987, 1997) aprendemos a importância da apropriação de ciência na construção de um processo que vise o empoderamento e a autonomia das pessoas. Assim, os processos educativos e a própria prática da pesquisa devem ser construídos a partir do contexto social, histórico e cultural de quem aprende. Essa perspectiva descortina as trajetórias das pessoas, dando visibilidade e importância científica aos seus contextos de vida. Dessa forma, a narrativa tem sido uma opção muito utilizada em investigações no campo da educação tendo em vista essa perspectiva de trazer à tona as trajetórias das pessoas envolvidas. Com isso, o exercício de pesquisa em Educação vem ampliando suas referências metodológicas a partir de estudos baseados em histórias de vida construídas a partir de depoimentos com pessoas pesquisadas.

O campo educacional, em especial advindo da educação popular, no que se refere à pesquisa qualitativa e mais especificamente à pesquisa autobiográfica, vem descortinando outros contextos, antes invisibilizados pelos métodos e técnicas metodológicos construídos baseados em uma concepção positivista e racionalista de conhecimento, produzida ao longo da tradição da modernidade. No entanto, podemos acrescentar que, se nós podemos aprender com a contribuição metodológica da pesquisa participante, podemos aprender também com a pesquisa autobiográfica e com os estudos feministas. São as interações entre esses variados campos do saber que podem provocar as rupturas tão desejadas na ciência tradicional, construindo outras metodologias que abarquem aspectos do conhecimento alijados historicamente da produção científica.

A autobiografia como proposta metodológica de pesquisa é de grande importância para o campo educacional. E ao aproximar autobiografia e estudos feministas constatamos o longo caminho que as mulheres ainda têm a percorrer para sistematizar suas experiências de vida, de trabalho e de aprendizagem.

Durante a realização do doutorado, a autora conheceu a perspectiva da pesquisa formação e começou a fazer as primeiras leituras da obra de Marie-Christine Josso, incentivada por sua orientadora. A primeira obra de Josso que leu foi *Experiências de vida e formação* (JOSSO, 2004).

A pesquisa formação deu novo impulso à forma como já trabalhava e percebia a possibilidade emancipatória da pesquisa, reconhecendo o sujeito investigado como participante

ativo do processo investigativo. Foi assim que a tese de doutoramento se desenvolveu, incorporando a perspectiva da pesquisa formação e, dessa forma, trazendo à tona e dialogando com as histórias de vida das mulheres artesãs da cooperativa já mencionada.

Neste texto, busca-se trazer um pouco da trajetória acadêmica encaminhada pela autora e pesquisadora desde então, em que segue desenvolvendo estudos sobre o trabalho feminino, incorporando histórias de vida de grupos distintos de mulheres, incluindo desde acadêmicas, alunas e professoras da rede de ensino pública municipal e estadual, até grupos de maior vulnerabilidade social, como mulheres catadoras que trabalham com reciclagem de lixo e agricultoras pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

Trata-se de iniciativas que têm como objetivo investigar o processo de construção dos sentidos do trabalho feminino (incluindo aí a docência) e sua relação com a categorização de gênero, a partir das histórias de vida de mulheres envolvidas e também do artesanato produzido por cada participante em espaços denominados oficinas de arte e criação coletiva (MEIRA, 2007). A intenção é fazer dialogar saberes populares e acadêmicos, tendo como foco central a formação, a pesquisa e a extensão em estudos de gênero.

Com a intenção de visibilizar os trabalhos femininos, o artesanato é utilizado na pesquisa como uma importante ferramenta para trazer à tona as trajetórias de vida das mulheres envolvidas, pois se tem um entendimento de que o artesanato faz parte de muitas dessas vivências, já que a atividade artesanal está muito vinculada aos espaços domésticos e privados em que, historicamente, se constituíram enquanto espaços de presença das mulheres.

GÊNERO E TRABALHO

Os estudos de gênero têm buscado resgatar o trabalho das mulheres, incorporando aspectos relativos às suas identidades que, historicamente, foram apartados do mundo acadêmico. Pode-se perceber o artesanato, enquanto trabalho manual, nessa perspectiva. Portanto, o trabalho artesanal compõe as trajetórias de vidas do universo das mulheres, pois se trata de um conhecimento apreendido ao longo da vida dessas pessoas.

O uso de narrativas nas pesquisas em educação tem permitido uma aproximação com essas trajetórias vividas, mas geralmente com o uso de palavras, tanto faladas como escritas. Mesmo assim, muitas vezes, o que pensam e sentem fica obscurecido na academia, já que a palavra nem sempre consegue captar uma diversidade de elementos, tanto estéticos como éticos. Enfim, aspectos como a imaginação, a criatividade, a subjetividade e a afetividade podem não ser tão visíveis aos pesquisadores que utilizam a palavra como única ferramenta investigativa.

Dessa forma é possível perguntar: até que ponto a academia incorpora as mulheres que estão fora dos seus limites, mas que estão no mundo produzindo conhecimento e experiência? Nesse sentido, os estudos feministas têm contribuído na insistência de lutar para que a subjetividade seja incluída nas pesquisas acadêmicas em geral.

Abordar a temática do trabalho feminino remete à necessidade de definirmos a concepção de trabalho que defendemos. Isso se deve ao fato de que as concepções tradicionais sobre trabalho formal e/ou mercado de trabalho não abarcam a diversidade de atividades historicamente exercidas por mulheres e que, muitas vezes, "escapam" às estatísticas oficiais. Dessa forma, há a necessidade de constituir esse conceito, incorporando e nos apropriando de elementos advindos de uma produção específica com esse intuito, especialmente oriundos da teoria feminista. Trata-se de um campo de estudos que está longe de esgotar sua produção, mas que aponta vários caminhos promissores.

Podemos afirmar que as mulheres sempre trabalharam, embora seu trabalho tenha sido desvalorizado pelo capitalismo, que passou a valorizar as atividades que geram mais-valia e que são executadas em espaços públicos, menosprezando o espaço doméstico. O conceito de divisão sexual do trabalho abarca as atividades exercidas historicamente por mulheres e, além disso, reconhece que a divisão social do trabalho é marcada pelas diferenças de gênero, pois, conforme Silva (2011, p. 115) "o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um 'destino' biológico, mas sim de construções sociais".

O conceito de divisão sexual do trabalho localizado na lógica da teoria feminista tem sido uma importante ferramenta que possibilita problematizar e teorizar sobre a relação entre gênero e trabalho. Para isso, é fundamental perceber que o contexto em que vivem homens e mulheres não é o resultado de um destino biológico, como historicamente tentou-se supor, mas sim oriundo de construções sociais. Portanto, homens e mulheres formam dois grupos sociais que estão engajados em uma relação social específica que se concretiza nas relações sociais de sexo. Essas relações possuem uma base material, que é o trabalho, e que se revela por meio da divisão social do trabalho entre os sexos, comumente denominada divisão sexual do trabalho.

O conceito de divisão sexual do trabalho é, portanto, central na abordagem do trabalho feminino. Sobre a origem desse conceito, Danièle Kergoat (2003) salienta que essa noção foi primeiro utilizada por etnólogos para designar uma divisão "complementar" das tarefas entre os homens e as mulheres nas sociedades que eles estudavam. Refere-se a Lévi-Strauss como um expoente dessa ideia e que fez dela o instrumento explicativo da estruturação da sociedade em família. No entanto, a autora afirma que foram as antropólogas feministas as primeiras que lhe deram um conteúdo novo, demonstrando que ela traduzia não uma complementaridade de tarefas, mas uma relação de *poder* dos homens *sobre* as mulheres.

A questão de que homens e mulheres pertencentes às mais diversas sociedades se dedicam a diferentes atividades tem sido compreendida como inerente à diferenciação sexual. Essa compreensão tem sido relacionada com especificidades físicas, intelectuais e emocionais de acordo com cada sexo. É, portanto, dessa maneira que as ideologias sexistas têm compreendido a relação sexo e trabalho.

Dessa forma, as mais diversas sociedades têm criado compreensões variadas sobre o acesso ao trabalho e ao tipo de atividades, tendo explicado como divisões naturais do trabalho,

portanto imutáveis. Assim, as ideologias sexistas e racistas, de cunho biológico, são as que têm se mantido por maior tempo e com maior êxito na reprodução das ordens sociais.

A homologação das atividades exercidas pelas mulheres como naturais leva a definir a essência de qualquer trabalho feminino como sexual, biológico, portanto não social. Essa concepção não histórica e naturalista tem anulado uma diversidade de trabalhos exercidos pelas mulheres. Dessa forma, a divisão sexual do trabalho é muito mais do que simplesmente constatar desigualdades. Trata-se da possibilidade concreta de articular a descrição do real com uma reflexão sobre os processos pelos quais a sociedade utiliza a diferenciação para hierarquizar as atividades (KERGOAT, 2003, p. 59).

A pesquisadora Cristina Carrasco (2003) afirma que o tempo de trabalho tem se constituído na contemporaneidade como uma nova categoria a ser estudada e analisada. Para ela, isso se deve a dois fatores: a crescente participação das mulheres no mercado de trabalho (pois isso traz à tona a tensão entre os tempos de cuidados e as exigências do trabalho mercantil) e a flexibilização do tempo de trabalho imposto pelas empresas (que exige cada vez mais mobilidade e disponibilidade dos trabalhadores).

Dessa forma, Carrasco (2003) usa o tempo como categoria de análise importante para refletir sobre o trabalho feminino e defende o que denomina "paradigma da sustentabilidade da vida", abordando diversos tempos e trabalhos femininos numa perspectiva histórica. Enquanto existia o tipo tradicional de família aliado com o modelo fordista de produção, em que os trabalhos de mulheres e homens apareciam como paralelos e independentes, os trabalhos das mulheres ficavam invisíveis. Mas, quando as mulheres passaram a realizar os dois trabalhos (produtivos e reprodutivos) e a viver a enorme tensão da superposição dos tempos, o conflito de interesses entre os diferentes trabalhos se tornou visível.

Carrasco (2003) propõe a hipótese de que os processos de reprodução e vida têm sido resolvidos sempre, fundamentalmente, a partir dos espaços domésticos privados dos lares. Pelo menos até que a casa medieval – que se constituía em centro de produção, consumo e vida – deixa de ser autossuficiente e começa a produção para o mercado. No entanto, mesmo com os processos de reprodução da vida humana sendo cada vez mais invisíveis em prol da industrialização e do capitalismo, não se alterou a função básica dos lares como centros de gestão, organização e cuidado da vida.

As necessidades humanas possuem duas dimensões, uma objetiva, vinculada mais às necessidades biológicas, e outra subjetiva, que inclui afetos, cuidados, a segurança psicológica, a criação de relações e laços humanos etc. Nos espaços públicos, onde se dão as relações de troca comerciais, é mais fácil separar essas duas dimensões. No entanto, no espaço doméstico é muito mais complicado separar os aspectos afetivo-relacionais da atividade em si, exatamente porque toda a produção está diretamente relacionada com os fatores pessoais. Resumindo: o trabalho destinado às pessoas do lar possui um contexto social e emocional diferente do trabalho remunerado. Como o artesanato tem se configurado

historicamente como atividades realizadas em grande medida nos espaços domésticos (pelo menos no Brasil), aqui ele se transforma num importante aliado nos estudos sobre trabalho feminino, pois possui em seu âmago o potencial de trazer à tona o contexto do espaço privado como campo de análise investigativa.

A tensão vivida pelas mulheres na contemporaneidade é um reflexo de uma contradição que existe entre o capitalismo e o bem viver, entre o objetivo do lucro e o objetivo do cuidado da vida. Para Carrasco (2003), entre a sustentabilidade da vida e o benefício econômico, nossas sociedades patriarcais tem constantemente optado pelo segundo.

GÊNERO E ARTESANATO ENQUANTO TRABALHO FEMININO

Durante boa parte da história da humanidade – desde a Pré-História quando os seres humanos criaram seus primeiros instrumentos de pedra – passando por todas as sociedades da Antiguidade e pela Idade Média até o século XVIII, a produção artesanal manual dominava o mundo produtivo. Isso significa que os próprios indivíduos, organizados coletivamente a partir das estruturas familiares, organizavam-se num processo de produção de mercadorias de forma artesanal, onde o trabalho manual estava conectado com o trabalho intelectual, pois não se pensava na separação entre o fazer e o pensar. Desse modo, a categoria trabalho era articulada com diversos saberes, que agregavam os conhecimentos necessários para a vida em sociedade. A figura do mestre artesão da Idade Média bem vislumbra a do pensador da época, que agregava diversos saberes do mundo do trabalho, mas também do mundo da vida em geral. O sociólogo americano Richard Sennett (2012), que possui vasta experiência de pesquisa no mundo do trabalho realizando investigações em várias partes do mundo com trabalhadores e trabalhadoras de várias profissões, resgata os saberes e a importância do trabalho manual da Idade Média no livro *O artífice* (SENNETT, 2012). Para ele, o avanço surpreendente da ciência e da tecnologia, com todas as consequências que traz consigo, tem levado a humanidade a um processo de diminuição de sua capacidade criativa e inventiva, passando a um crescimento da alienação.

O modo de produção capitalista, implementado fortemente via Revolução Industrial, suplantou o trabalho manual, valorizando a produção em massa propiciada pelo maquinário. Dessa forma, não apenas o trabalho mudou, mas toda a sociedade se transformou a partir da implementação do capitalismo e da acumulação. Essa mudança criou uma ruptura entre criação e produção, entre pensar e executar, entre teoria e prática, ou seja, os mestres artesãos eram criadores do que eles mesmos produziam, já os operários das fábricas foram estimulados a simplesmente executar.

No que se refere à participação das mulheres no mercado de trabalho formal, sabe-se que isso ocorreu bem tardiamente. Perrot (2007) ressalta dois momentos históricos como desencadeadores desse processo, que foram: a Revolução Industrial (mais timidamente) e a

Primeira Guerra Mundial. Até esses momentos, podemos afirmar que cabia às mulheres participação apenas nos espaços domésticos, e as atividades produtivas com as quais se envolviam se referiam a esse espaço específico.

No que se refere à articulação entre o trabalho artesanal e o feminismo, se olharmos com mais atenção a história das famílias no Brasil, veremos que a socialização feminina passava pelo rigor e pela disciplina do aprendizado de "trabalhos manuais", materializados enquanto técnicas como bordado, crochê, tricô, costura e outras, realizados nos espaços domésticos e muitas vezes atrelados ao exercício da maternidade, como tarefas para "ocupar as mulheres". Esse processo de aprendizagem se dava muitas vezes na própria escola ou em outros espaços institucionalizados, como em igrejas. Em vista desses exemplos históricos, muitas mulheres na contemporaneidade passaram a rejeitar esses aprendizados em prol da luta por um processo de emancipação feminina.

A grande questão que se coloca na investigação, portanto, é a seguinte: a atividade artesanal pode auxiliar num processo que vise à emancipação e a autonomia feminina? Ou, ao contrário, é uma ferramenta utilizada pela sociedade patriarcal que visa à alienação da mulher, utilizada para mantê-la fora dos espaços produtivos formais e também dos espaços públicos em geral, mantendo-a confinada nos espaços domésticos? As iniciativas apresentadas a seguir buscam problematizar essas questões, visibilizando alguns contextos onde as narrativas têm aflorado na investigação. Algumas inferências já podem ser feitas até o momento.

AS NARRATIVAS AUTO(BIOGRÁFICAS) COMO PROPOSTA METODOLÓGICA

Como vimos, a pesquisa em Educação vem ampliando suas referências metodológicas a partir de estudos baseados em histórias de vida escritas, em grande parte, com base em depoimentos com pessoas pesquisadas. A autobiografia como proposta metodológica de pesquisa é de grande importância para o campo educacional. E ao aproximar autobiografia e estudos feministas constatamos o longo caminho que as mulheres ainda têm a percorrer para sistematizar suas experiências de vida, de trabalho e de aprendizagem.

As histórias de vida são importantes em nossa proposta por visibilizar as trajetórias das mulheres envolvidas. É nessas histórias que se encontram as raízes dos seus fazeres e de suas aprendizagens, tanto no artesanato como no que se refere aos papéis sociais de gênero que incorporam em seus cotidianos.

Trazemos aqui a importância metodológica da obra de Franco Ferrarotti (2014), que há várias décadas faz a defesa das histórias de vida no campo das ciências sociais. Apenas em 2014 sua obra *História e histórias de vida* foi traduzida para nossa língua.

Quando Ferrarotti (2014) critica a história tradicional, ele defende uma "historicidade não historicista", que significa uma ruptura com a concepção conservadora de história enquanto uma sucessão temporal de acontecimentos, segundo o autor

[...] orientada para a suposta verdade de um sentido geral, monopolizado pelas elites, depositárias exclusivas de valor. A história de vida não se apresenta mais como um conjunto de elementos para ilustrar o que já é conhecido, nem como um acréscimo facultativo, sob forma qualitativa, de resultados incontestes de pesquisa, alcançados por meio de técnicas de padronização da medida exata (FERRAROTTI, 2014, p. 51).

Defende o que denominou "história vista de baixo" como a

[...] história da cotidianidade, inventário e interpretação das práticas de vida e das tradições, não revividas como puro folclore popular, mas repensadas de maneira crítica como visões psicologicamente tranquilizadoras e, ao mesmo tempo, como constelações de valores cognitivos interligados e confirmados pela experiência da vida de cada dia (FERRAROTTI, 2014, p. 56).

A partir da valorização do cotidiano das pessoas, e na iniciativa de trazer essas experiências concretas para a prática da pesquisa acadêmica, o autor levanta outro questionamento: De que maneira a subjetividade inerente à autobiografia pode tornar-se um conhecimento científico? (FERRAROTTI, 2014, p. 70). Ferrarotti (2014) encara esse desafio epistemológico afirmando que cada narrativa relata uma prática humana, mas como admite que a essência do homem é o conjunto das relações sociais (usa Marx na 6ª tese sobre Feuerbach), chega a conclusão de que qualquer prática humana é representativa de todo o contexto social, pois:

Uma vida é uma prática que se apropria das relações sociais (as estruturas sociais), as interioriza e as reconverte em estruturas psicológicas através de sua atividade de desestruturização-reestruturização. Cada vida humana revela-se, mesmo em seus aspectos mais generalizáveis, como a síntese vertical de uma história social. Cada comportamento, cada ato individual aparece, em suas formas mais singulares, como a síntese horizontal de uma estrutura social (FERRAROTTI, 2014, p. 70).

Dessa forma, assume o embate com as concepções quantitativas de pesquisa, que se alicerçaram historicamente nas concepções naturalista e biologicistas de ciência. Nessa perspectiva desenvolveu o conceito de "dialética do social", que consiste na relação complexa entre as condições objetivas e as experiências vividas, pois o contexto estrutural e as condições objetivas não podem ser vistos de forma isolada do contexto vivido (FERRAROTTI, 2014, p. 61).

As histórias de vida são trazidas à tona por meio das narrativas, que se constituem em experiências vividas. Sobre as experiências, trago a contribuição da obra de Larrosa (2014), que é brilhante no que se refere às reflexões que suscita sobre as experiências das pessoas, algo que a academia historicamente apartou. Larrosa (2014) propõe pensar a educação a

partir da "experiência". Para isso ele procura caracterizar o que constrói o que denominamos "experiência". O autor começa caracterizando experiência como "o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. [...] Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara" (LARROSA, 2014, p. 18). Dessa forma, para se chegar ao conceito, Larrosa (2014) procura não caracterizar o que a experiência é, mas sim o que ela não é. Para isso, ele desenvolve alguns aspectos, que são: o excesso de informação e a informação não é experiência. Larrosa (2014), aliás, faz o alerta da importância de se separar informação de experiência.

O segundo aspecto nos alerta para o excesso de opinião, o que não nos aproxima das experiências, pois o sujeito da modernidade se coloca numa imposição de ter que ter uma opinião. Dessa forma, além de se somar informação, também se opina sobre as coisas, o que também não caracteriza a experiência.

Em terceiro lugar, a verdadeira experiência se torna rara devido à falta de tempo, pois, cada vez mais, os acontecimentos ocorrem de forma muito rápida, o que impede as pessoas de realmente viverem as experiências, porque

[...] a velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre os acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LARROSA, 2014, p. 22).

Em quarto lugar, Larrosa (2014) nos alerta para não confundirmos experiência com trabalho, pois a modernidade separou teoria de prática, e a experiência tem sido relacionada à prática do trabalho.

Assim, o autor caracteriza um saber que, segundo ele, se distingue dos saberes científicos e de informação, mas que ele defende como de fundamental importância sua incorporação no mundo acadêmico, que se trata do saber da experiência. Para Larrosa (2014, p. 30), "o saber da experiência se dá na relação entre o conhecimento e a vida humana".

Dessa forma, o saber da experiência não é algo externo a nós, mas algo que está intrínseco às nossas singularidades de estarmos no mundo. Assim, mesmo que os acontecimentos sejam comuns a muitas pessoas, as experiências são singulares a cada um.

Nessa perspectiva, percebemos o biográfico "como uma categoria da experiência que permite ao indivíduo, nas condições de sua inscrição sócio-histórica, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 26). No entanto, assim como Ferrarotti (2014), a autora nos alerta que essas experiências humanas não são, de forma alguma, experiências individuais e espontâneas, pois elas "trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas

formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem" (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

No prefácio à edição em língua portuguesa do livro de Ferrarotti (2014, p. 21), Delory-Momberger alerta que:

Ao considerar que cada ser humano como "a síntese individualizada e ativa de uma sociedade", como "a reapropriação singular do universal social e histórico que o rodeia"; ao definir cada narrativa biográfica como "um ato, a totalização sintética de experiências vividas e de uma interação social", Franco Ferrarotti afirma a possibilidade de "conhecer o social a partir da especificidade irredutível de uma práxis individual", de "ler uma sociedade por meio de uma biografia".

Delory-Momberger (2008) denomina a metodologia de pesquisa-formação que desenvolve como "ateliê biográfico de projeto". Adaptando essa ideia para nossa experiência de projeto desenvolvemos o conceito de "ateliê biográfico de artesanaria", referindo-nos aos momentos coletivos de produção artesanal.

Os "ateliês biográficos de artesanaria" dizem respeito às produções artesanais materializadas em oficinas que possibilitam a troca de experiências no que se refere às aprendizagens em artesanato, possibilitando, dessa forma, momentos de trocas de vivências entre os dois grupos participantes. Essa iniciativa surge com a intenção de valorizar e assumir a incorporação dessas atividades produtivas na constituição das identidades femininas em questão. Incorpora-se na perspectiva de valorização das experiências concretas de trabalho das mulheres. Dessa forma, percebemos os "ateliês biográficos de artesanaria" como a materialização de um espaço que permita aos seus integrantes explorar e criar, através do processo de formação, constituindo a "invenção de si" num projeto formador de suas vidas. Essa construção é parte constituinte das biografias, concretizando outra ferramenta, além da oralidade e da escrita, para resgatar as histórias de vida.

UM POUCO DO QUE FOI FEITO ATÉ AQUI

As oficinas de artesanato se formam com o intuito de, além de possibilitar a aprendizagem em artesanato, abordar a temática de gênero entre as participantes e coletar dados para a pesquisa, na forma de narrativas orais e também artesanais, pois as participantes sempre são provocadas a contar suas histórias na produção que realizam.

Como a profissão docente tem se constituído, cada vez mais, em uma profissão majoritariamente feminina, um dos principais alvos da proposta são as acadêmicas de cursos de licenciatura da universidade. Em razão de outras investigações que temos encaminhado com esse grupo, temos percebido que há uma aproximação grande entre acadêmicas e o fazer

artesanal. Muitas alunas possuem envolvimento e experiências em artesanato. Por isso, usamos o artesanato como uma forma de discutir gênero e identidades femininas também na formação docente. Inclusive a autora ministra disciplinas que discutem a temática, tanto em cursos de licenciaturas da Universidade como na pós-graduação, orientando pesquisas nessa temática.

GÊNERO E DOCÊNCIA

Os estudos de gênero já vêm descortinando a instituição escolar no que se refere às formas que a instituição adota para reproduzir e construir as desigualdades de gênero¹. Portanto, já sabemos o quanto a escola é importante na manutenção da estrutura patriarcal de sociedade. Segundo Louro (1997a, p. 61),

[...] os mais antigos manuais já ensinavam aos mestres os cuidados que deveriam ter com os corpos e almas de seus alunos. O modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas, pés e mãos acabariam por produzir um corpo escolarizado, distinguindo o menino ou a menina que "passara pelos bancos escolares".

No que se refere à profissão docente, os historiadores da história da educação tem demonstrado o quanto essa profissão tem sido marcada pela identidade feminina. Até há pouco tempo, sabia-se que as mulheres constituíam a imensa maioria das profissionais da educação atuando nos anos iniciais. Com o passar do tempo essa realidade tem se ampliado para os demais anos do ensino fundamental, a ponto de também se constituírem em maioria no ensino médio e os índices estão aumentando consideravelmente também no ensino superior.

Essa realidade tem sido objeto também da caminhada realizada nesta experiência com mulheres. Importante dizer que as discentes de licenciaturas da universidade desde o início da proposta fizeram parte de um grupo incorporado tanto na investigação como também na extensão e no ensino. Isso se deve ao fato do interesse em identificar proximidades entre gênero e docência, em que o artesanato produzido pelas discentes de licenciatura tem visibilizado suas trajetórias como mulheres e docentes em formação.

1 - Aqui temos diversas pesquisadoras importantes na perspectiva de descortinar a instituição escolar na construção dos papéis sociais de gênero. Apenas para exemplificar, saliento a obra de Guacira Lopes Louro (1997a, 1997b, 2000) e Marília Pinto de Carvalho (2001, 2003), entre outras.



Figura 1 Oficina de artesanato com discentes do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pelotas (UFPel) (abr. 2014)

Fonte: Acervo do projeto.

O grupo formado pelas discentes apresenta suas particularidades, inclusive no que se refere ao nosso olhar como investigadora, pois nesse grupo procuramos aproximar a discussão de gênero com a constituição da profissão docente nas alunas.

As discentes participantes têm sido, na sua maioria, discentes do curso de Pedagogia. Isso se explica pelo fato de que as oficinas são realizadas na Faculdade de Educação da UFPel, e o projeto é coordenado por docentes dessa faculdade e desse curso, o que as aproximam mais da proposta.

As narrativas das discentes, que visibilizam suas trajetórias de vida e de escolha profissional, destacam a proximidade da profissão com suas identidades de gênero. Várias afirmaram nos depoimentos que um dos motivos pela escolha da profissão é o fato de terem uma boa relação e afeição por crianças. Aqui aspectos vinculados ao trabalho com infância são trazidos nos argumentos. Importante dizer que várias discentes em seus depoimentos declararam que vários docentes do curso afirmam abertamente que para se formar em Pedagogia é necessário "gostar de crianças". Penso que essa afirmação possa ser inadequada, no sentido de que restringe a atuação profissional à sala de aula dos anos iniciais, desconsiderando outras tantas possibilidades em que o pedagogo pode atuar, como na gestão educacional e/ou com educação de jovens e adultos (EJA), por exemplo. Dessa forma, podem-se estar reforçando os papéis tradicionais de docentes de anos iniciais, em que as mulheres são imensa maioria, pois se aproxima

a infância das mulheres, aliando-se indiretamente aspectos biológicos, como a maternidade por exemplo, como justificativa para o ingresso na profissão.

ARTESANATO COM MULHERES AGRICULTORAS

Essa experiência também tem acontecido com grupos de mulheres agricultoras assentadas pertencentes ao MST no interior do estado do Rio Grande do Sul. Esses grupos já apresentam outras particularidades, pois trata-se de mulheres que vivem em regiões rurais que atuam na agricultura e possuem escolaridade inferior a do grupo de acadêmicas.

São, no entanto, mulheres que atuam em um movimento social organizado, o que lhes dá uma formação política mais elaborada, em vários aspectos menos alienada que o grupo de discentes, já que as agricultoras possuem uma formação que se dá por dentro do movimento, não se tratando de uma formação no espaço escolar, mas no espaço da própria luta política pela reforma agrária.



Figura 2 Oficina de artesanato com mulheres assentadas do MST no interior do município de Pinheiro Machado, Rio Grande do Sul (2014)

Fonte: Acervo do projeto.

No atual momento, percebemos que as oficinas de artesanato têm se constituído em um espaço importante para pensar suas histórias de gênero, pois nesses momentos elas estão sozinhas, possuem certa privacidade e liberdade para dividirem suas experiências sem interferências de outras figuras, como lideranças do movimento ou seus parceiros e demais familiares. Esses momentos têm trazido à tona muitos questionamentos sobre os papéis de gênero que reproduzem, a ponto de elas estarem se organizando independentemente da participação de nossa equipe.

Além disso, elas estão se "descobrando" como artesãs, mulheres que possuem criatividade e saberes que elas nem reconheciam, pois em suas narrativas fica clara a admiração com a

produção do artesanato, pois elas não se percebiam “com conhecimento” para produzirem o que estão realizando.

OFICINAS DE ARTESANATO COM PROFESSORAS/ES E ALUNAS/OS EM ESCOLAS DE ENSINO FUNDAMENTAL

As oficinas em escolas da rede de ensino também são prioridade de nossa proposta, tanto de investigação como de extensão. A Figura 3 apresenta momentos de oficinas de artesanato com professores, alunos e alunas do ensino fundamental, da modalidade EJA, quando confeccionaram luminárias de garrafas pet. Importante salientar que há uma preocupação em se utilizar reaproveitamento de materiais na produção do artesanato nas oficinas.



Figura 3 Oficina de artesanato com discentes de EJA, da Escola Municipal de Ensino Fundamental Piratinino de Almeida, na cidade de Pelotas (ago. 2014)

Fonte: Acervo do projeto.

Também com as turmas de EJA a proposta foi construída coletivamente com o grupo, incluindo as docentes e a direção da escola, em que a construção da proposta se deu articulada ao projeto pedagógico da escola e aos conteúdos que estavam sendo ministrados pelas disciplinas com as turmas naquele período. Dessa forma, buscamos articular a extensão com o ensino.

ARTICULANDO A PESQUISA COM O ENSINO ACADÊMICO

Tendo em vista a articulação do ensino, da pesquisa e da extensão, também realizamos momentos de formação na disciplina denominada Discutindo Arte e Gênero em Oficinas de Criação Coletivas. Um exercício proposto se refere às acadêmicas reconstruírem suas trajetórias de gênero, a partir da produção artesanal de uma peça própria, que busca responder a

seguinte provocação: *quais situações mais marcantes na minha vida me fizeram perceber que mulheres são vistas de forma diferentes dos homens?*



Figura 4 Aula da disciplina *Discutindo Arte e Gênero em Oficinas de Criação Coletiva*, ministrada no primeiro semestre de 2014, no curso de Pedagogia da UFPel (2014)

Fonte: Acervo da disciplina.

Partindo dessa questão norteadora, as alunas responderam a questão de várias formas, escrevendo suas histórias, narrando oralmente e criando uma peça artesanal contando os episódios, construindo conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme Freire (1997) desenvolveu na obra *Pedagogia da autonomia* a compreensão do "inacabamento" humano, Delory-Momberger (2008) afirma que a reflexão biográfica também percebe os sujeitos imersos num processo de vir a ser permanente. A percepção e o entendimento de cada vida passam por representações de sua existência e do lugar que nela pode ocupar uma situação ou um acontecimento especial. No entanto,

Esses espaços-tempos biográficos não são, entretanto, criações espontâneas, nascidas unicamente da iniciativa individual: trazem a marca de sua inscrição histórica e cultural e têm origem nos modelos de figuração narrativa e nas formas de relação do indivíduo consigo mesmo e com a coletividade, elaborados pelas sociedades nas quais se inscrevem (DELORY-MOMBERGER, 2008, p. 27).

As experiências individuais das mulheres participantes funcionam como pano de fundo para a análise de situações mais abrangentes de enfrentamento ou submissão à lógica,

tanto do capital como do patriarcado. Isso não menospreza de forma alguma as experiências específicas das envolvidas nas atividades. Pelo contrário, as narrativas abordadas aqui materializam as experiências de inúmeras mulheres, extrapolando o espaço privado e visibilizando uma diversidade de situações que não são nada individuais nem privadas. Trata-se de um processo de "coletivizar" as experiências femininas.

A prática educativa emancipadora, crítica, dialógica e humilde no sentido de valorizar os saberes já construídos pelas mulheres, pode contribuir no processo de emancipação feminina, pois tanto o feminismo como a educação popular partem de saberes e significados construídos pelas próprias envolvidas, e não de um saber e conhecimento já pronto e formulado que, muitas vezes, não é significativo para o grupo.

Sendo assim, a concepção educativa proposta é de uma educação que coloque a realidade das mulheres como conteúdo problematizador, que se dá em torno da relação das pessoas com o mundo, nunca o ser humano isolado desse mundo, mas em permanente relação. É problematizando o mundo do trabalho, da produção artesanal, das vivências femininas, enfim, o mundo da cultura ocidental e do patriarcado, que podemos vislumbrar um futuro emancipador para as mulheres.

Crafts as a methodological tool in the perspective of gender studies: articulating research, teaching and university extension

Abstract – This text discusses aspects of investigative trajectory sent by the author, who for some time has been developing studies on women's work, incorporating life stories of different groups of women, ranging from academic of the University, the public school system teachers, even larger groups social vulnerability, such as grooming women working with waste recycling and landless farmers belonging to the MST (Movement of Landless Rural Workers). These are several initiatives that aims to investigate the construction process of the female labor-way (including teaching there) and its relation to the categorization of genre, from the life stories of women involved as well as the crafts produced by each participant in craft production workshops. The intention is to engage popular knowledge and academics, with the central focus on training, research and extension in gender studies.

Keywords: Gender. Women. Women's work. Education. Handicraft.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, C. R. (Org.). *Pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

BRANDÃO, C. R. (Org.). *Repensando a pesquisa participante*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

CARRASCO, C. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, N.; NOBRE, M. (Org.). *A produção do viver*. São Paulo: SOF, 2003.

CARVALHO, M. P. de. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. *Estudos Feministas*, v. 2, n. 555, p. 554-574, 2001.

- CARVALHO, M. P. de. Sucesso e fracasso escolar: uma questão de gênero. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 29, n. 1, p. 185-193, jan./jun. 2003.
- DELORY-MOMBERGER, C. *Biografia e educação: figuras do indivíduo-projeto*. Natal: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2008.
- FERRAROTTI, F. *História e histórias de vida: o método biográfico nas Ciências Sociais*. Natal: EDUFRRN, 2014.
- FREIRE, P. *Educação e mudança*. 12. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1979.
- FREIRE, P. *Pedagogia do oprimido*. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*: São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- JOSSO, M.-C. *Experiências de vida e formação*. São Paulo: Cortez Editora, 2004.
- KERGOAT, D. Divisão sexual do trabalho e relações sociais de sexo. In: EMÍLIO, M. et al. (Org.). *Trabalho e cidadania ativa para as mulheres: desafios para as políticas públicas*. São Paulo: Coordenadoria Especial da Mulher, 2003. p. 55-63.
- LARROSA, J. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997a.
- LOURO, G. L. Mulheres nas salas de aulas. In: PRIORE, M. D. (Org.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997b.
- LOURO, G. L. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- MEIRA, M. R. *Metamorfoses pedagógicas do sensível e suas possibilidades em "Oficinas de Criação Coletiva"*. Porto Alegre, 2007. 157 f. Tese. (Doutorado em Educação)–Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- PERROT, M. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.
- SENNETT, R. *O artífice*. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2012.
- SILVA, M. A. da. "Confeccionando" reflexões sobre o trabalho feminino artesanal. In: SILVA, M. A. da. (Org.). *Gênero, sexualidade, educação e conhecimento*. Pelotas: Editora da UFPel, 2011.

Recebido em janeiro de 2016.
Aprovado em fevereiro de 2016.